

«De graça recebestes, de graça dai»

ANTÓNIO COUTO

Faculdade de Teologia (UCP), Porto

1. O texto

Importa começar por ler o texto de Mt 10,6-15, dado que é o único texto dos Evangelhos que guarda as palavras do título: «De graça recebestes, de graça dai» (Mt 10,8)¹.

«10,⁶IDE primeiro às ovelhas perdidas da casa de Israel. ⁷E INDO, anunciai, dizendo: “Fez-se próximo (*éggiken*: perf. de *eggízô*) de vós o Reino dos Céus”. ⁸Os doentes curai, os mortos ressuscitai, os leprosos purificai, os demónios expulsai. **DE GRAÇA (*dô-reán*) RECEBESTES (*lambánô*). DE GRAÇA (*dô-reán*) DAI (*didômi*)**. ⁹Não adquirais (*ktáomai*) ouro, nem prata, nem cobre para os vossos cintos, ¹⁰nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bastão. Na verdade, o trabalhador é digno do seu sustento. ¹¹Em qualquer cidade ou aldeia em que entreis, procurai saber se há nela alguém digno, e permaneci lá até que saiais. ¹²Ao entrardes na casa, saudai-a.

¹ R. SCHNACKENBURG, *The Gospel of Matthew*, Grand Rapids, Eerdmans, 2002, p. 96.

¹³E se a casa for digna, vá a vossa paz sobre ela; mas, se não for digna, que a vossa paz retorne para vós. ¹⁴E se alguém não vos acolher (*déchomai*) nem escutar a vossa palavra, ao saídes para fora dessa casa ou dessa cidade, sacudi o pó dos vossos pés. ¹⁵Em verdade vos digo: “No dia do julgamento, haverá mais tolerância para a terra de Sodoma e de Gomorra do que para essa cidade”» (Mt 10,6-15).

Importa agora salientar as palavras-chave que atravessam este texto: ir,/ anunciar,/ reino dos céus,/ graça,/ receber,/ dar,/ não adquirir coisas e riquezas,/ entrar em cidades, aldeias, casas,/ saudar,/ paz,/ acolher, não acolher,/ possuir e usar as pessoas como objectos.

2. Pessoas como objectos

Estas últimas ideias – não acolher,/ possuir e usar as pessoas como objectos – são sobretudo sugeridas pela evocação de Sodoma e Gomorra, cujos habitantes, segundo a narração de Gn 19, não respeitavam o dever sagrado da hospitalidade e tratavam os hóspedes como objectos para possuir, usar e deitar fora, a seu bel prazer².

Um mundo em que as pessoas são tratadas como objectos não é um mundo humanizado pela doçura da palavra tenra, terna e frágil. É um mundo escravizado, objectivado, sodomizado. É um mundo em que as pessoas são objectos, e contam só como objectos, que posso comprar, possuir, usar, deitar fora. É o mundo da solidão³. De facto, quando eu reduzo os outros a objectos, fico só no meio de objectos. Não há comunicação, não há acolhimento, não há recepção, não há a palavra que vai e que vem. Não há a graça do outro que me dá a vida. Há posse e violência. É aquele estado de solidão que, segundo a advertência enfática de Deus em Gn 2,18, não é mesmo nada bom (*lo' tób*), porque leva à morte a curto prazo.

² A. THAYSE, *Matthieu. L'Évangile revisité*, Bruxelles, Racine – Lumen Vitae, 1998, p. 86.

³ Excelente leitura em A. J. HESCHEL, *L'uomo non è solo. Una filosofia della religione*, Milão, Mondadori, 2001, p. 48 e 250.

3. A vida é graça

IDE (*poreúesthe*), imperativo, e INDO (*poreuómenoi*), particípio presente durativo. Respondendo a este imperativo e participando neste particípio, entramos e permanecemos sempre na estrada da liberdade, aberta por Deus a Abraão em Gn 12:

«12,¹VAI para ti (*lek-leka*) do teu país, da tua parentela e da casa do teu pai, para o país que eu te farei ver» (Gn 12,1).

Não se trata só de uma viagem transitiva no mapa. Trata-se sobretudo de uma viagem intransitiva dentro de si mesmo, dentro da própria casa, como indica aquele *dativus commodi*, também chamado dativo ético: «Vai para ti» (*lek-leka*)⁴. Não se trata só de atravessar a terra. Trata-se mais de cada um se atravessar a si mesmo. Rumo à liberdade. Nem se trata de ir para outra terra, para a possuir («haver»). Mas para «a ver». Não com os nossos olhos invejosos. Mas com o olhar de Deus. Como Deus no-la faz ver. Maravilhosamente.

A partir daí, todas as grandes figuras bíblicas andam nessa estrada sempre nova e carregada de surpresas, onde a água pode brotar até da árida areia e os lírios romper do rijo empedrado ou do alcatrão (Is 35,8; 43,19).

É também nessa estrada que andam os discípulos de Jesus desde a Páscoa até hoje, participando no particípio do Evangelho e da liberdade:

«16,¹⁵INDO (*poreuthéntes*) por todo o mundo, anunciai o Evangelho a toda a criatura» (Mc 16,15).

Não carregados, nem empurrados, mas LIVRES. Sem carga, sem cadeias, sem amarras. Vivendo de RECEBER e de DAR. Vivendo de GRAÇA e da GRAÇA.

Deixem-me recordar – porque não posso deixar de o fazer neste contexto – S. FRANCISCO DE ASSIS (1182-1226). Nasceu rico. Viveu a sua juven-

⁴ P. JOÜON, *Grammaire de l'hébreu biblique*, Roma, Pontificio Instituto Bíblico, 2.^a reimpressão fotomecânica da 2.^a edição corrigida (1965), 1996, § 133 d; A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut. Réflexions exégétiques et théologiques sur Genèse 12 dans son contexte narratif*, in *Revue théologique de Louvain*, 27, 1996, p. 11-12.

tude em festas e folguedos. Tinha muitas coisas. Mobilizado para a guerra entre Assis e Perugia, foi feito prisioneiro e levado para Perugia, onde esteve preso durante mais de um ano, adoecendo gravemente. Voltou à sua terra de Assis, onde passou anos de convalescença e meditação, com grande apoio da sua piedosa mãe. Tinha 26 anos, quando, num dia de Fevereiro de 1209, foi à missa à igreja de Santa Maria degli Angeli (Porziuncola), e ouviu proclamar o Evangelho de Mt 10,6-14, exactamente a página do Evangelho que abre este pequeno estudo⁵. FRANCISCO ouviu essa página. As palavras voaram como pássaros, como pedras. E a PALAVRA caiu de mansinho, como um beijo, uma carícia, no coração de FRANCISCO. Nas trevas brilhou uma luz. Imensa e intensa. Como no outro caminho de Damasco. FRANCISCO mudou a vida toda. Abandonou tudo. Fez-se pobre e irmão de todos, para levar a todos a incontida e incontível alegria encontrada. FRANCISCO descobriu a pérola da fraternidade.

Tu, Senhor, Tu falas
E um caminho novo se abre a nossos pés,
Uma luz nova em nossos olhos arde,
Átrio de luminosidade,
Pão
De trigo e de liberdade,
Clareza que se ateia ao coração.

Lume novo, lareira acesa na cidade,
És Tu, Senhor, o clarão da tarde,
A notícia, a carícia, a ressurreição.

Passa outra vez, Senhor, dá-nos a mão,
Levanta-nos,
Não nos deixes ociosos nas praças,
Sentados à beira dos caminhos,
Sonolentos,
Desavindos,
A remendar bolsas ou redes.

⁵ E. LONGPRÉ, *François d'Assise et son expérience spirituelle*, Paris, Beauchesne, 1966, p. 23.

Sacia-nos.
Envia-nos, Senhor,
E partiremos
O pão,
O perdão,
Até que em cada um de nós nasça um irmão.

Novo nascimento. E de repente, olhando bem à nossa volta, «todo o ouro do mundo não passa de um punhado de areia» (Sb 7,9), e todo o «haver» é lixo (Fl 3,8). Ficamos então só «a ver», não navios, mas «a ver»⁶ que somos vistos e como somos vistos. Na verdade, Alguém nos olha de uma forma verdadeiramente nova. Vendo melhor, descobrimos sobre nós um olhar enternecido, puro, gratuito, maternal, e umas mãos maternais que carinhosamente nos embalam. Embalam esta vida nova que em nós está a nascer. Olhar e embalar. Como uma mãe que embevecidamente olha para o bebé que ternamente embala nos seus braços. A GRAÇA tem um rosto maternal. É este olhar de mãe. É este jeito materno de embalar.

Diz-se *hen* na língua hebraica. De *hen* deriva o nome próprio *Hannah*, Ana. A acção de *hen* é *hanan*, fazer GRAÇA. De *hanan* derivam os nomes próprios *Yôhanan*, João, e *Yôhanah*, Joana, que significam «Deus faz GRAÇA». De resto, o grácil entrançado dos adjectivos «GRATIFICANTE e MISERICORDIOSO» (*hannûn we'rahûm*), por esta ordem ou na inversa – «MISERICORDIOSO e GRATIFICANTE» (*rahûm we'hannûn*) –, aparece por treze vezes na Bíblia hebraica, e diz respeito exclusivamente a Deus⁷.

Olhar agraciador o olhar de Deus que, por amor, se debruça sobre nós. É aqui que tudo principia. Começamos sempre por «encontrar GRAÇA aos olhos de Deus». Estamos todos depois desse olhar de graça, e estamos ainda nesse olhar de graça.

⁶ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 10-11.

⁷ A locução «gratificante e misericordioso» (*hannûn we'rahûm*), por esta ordem ou ao contrário, aparece na Bíblia hebraica por treze vezes, e é sempre reservada a Deus. O único lugar em que se poderia considerar atribuir tal locução ao homem justo seria no Sl 112,4. Mas mesmo aí, parece ser a Deus que diz respeito. Ver L. ALONSO SCHÖKEL, C. CARNITI, *Salmos. II. (Salmos 73-150). Traducción, introducciones y comentario*, Estella, Verbo Divino, 1999, p. 1388. Ver também A. J. HESCHEL, *L'Uomo non è solo*, p. 131; I. M. SANS, *Autorretrato de Dios*, Bilbao, Universidad de Deusto, 1997, p. 107-123.

É depois desse olhar, e ainda nesse olhar, que MARIA pode exclaimar:

«1,⁴⁷A minha alma engrandece o SENHOR,/ e o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador,/ ⁴⁸porque OLHOU (*epiblepô*) para a sua humilde serva» (Lc 1,47-48).

Porque OLHOU, OLHOU, OLHOU. Com esse OLHAR carinhoso e maternal e agraciador. Refere o Anjo que ela «encontrou GRAÇA aos olhos de Deus» (Lc 1,30). E é por isso, porque OLHADA por Deus, que ela é «a cheia de GRAÇA» (*kecharitôméné*) (Lc 1,28). GRAÇA ontem recebida e hoje conservada, como indica o particípio perfeito passivo do verbo *charitôô*.

E o místico S. João da Cruz também conhece bem esse OLHAR de GRAÇA que renova a vida, e escreve assim num dos seus belos poemas⁸:

«Quando Tu me olhavas,
A sua graça em mim os Teus olhos imprimiam:
Por isso me amavas,
E nisso mereciam
Os meus olhos adorar o que em Ti viam».

O teu OLHAR em mim e o meu em Ti, para receber essa GRAÇA, e aprender a viver fazendo GRAÇA.

4. Receber – Dar – Condicionar

Eu posso viver centrado em mim, fechado em mim, de forma egoísta e egocêntrica. Notemos os exemplos mais flagrantes dessa maneira de viver expressos na própria Bíblia: «Eu, eu, e mais ninguém», diz Nínive, a grande cidade, no discurso arrasador de Sofonias (Sf 2,15). «Eu, eu, e fora de mim não há ninguém», diz a grande Babilónia, no corrosivo discurso de Isaías (Is 47,7.9). «Eu fiz-me a mim mesmo», diz o Faraó do Egipto, no discurso conde-

⁸ «Cuando tú me mirabas,/ su gracia en mí tuos ojos imprimían;/ por eso me amabas,/ y en eso merecían/ los míos adorar lo que en ti vían». Texto em SAN JUAN DE LA CRUZ, *Canciones entre el alma y el esposo*, estrofe 23, in *Vida y obras de San Juan de la Cruz*, Madrid, BAC, 8.ª ed., 1974, p. 404.

natório de Ezequiel (Ez 29,3). «Sou rico, enriqueci, e não preciso de nada», diz a igreja de Laodiceia (Ap 3,17). «Eu penso, logo existo», dirá, na mesma linha, Descartes.

Traduz muito bem esta maneira de viver o gesto muito bíblico da mão fechada, que em hebraico se diz *yad*. A mão fechada só serve para roubar, possuir, esconder e agredir, e traduz um homem enrijecido (*sklêrós*)⁹ e de coração enrijecido, dono e violento que não conhece graça ou dom. Por vezes acusamos Deus desta esclerose (Mt 25,24), mas é em nós que se anida essa esclerose (Mt 19,8):

«25,²⁴Tendo vindo depois também aquele que tinha recebido um talento, disse: Senhor, sei que tu és um homem duro (*sklêrós*), que colhes onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste» (Mt 25,24).

«19,⁸Ele disse-lhes: “Moisés, por causa da dureza do vosso coração (*sklêrokardía*), permiti-vos repudiar as vossas mulheres, mas no princípio não era assim» (Mt 19,8).

O homem bíblico deve viver de mãos abertas (*kaph*). É assim que Deus governa o mundo (Ecl 18,3). O Talmud, que é a sabedoria hebraica condensada em cinco milhões de palavras, refere exemplarmente que o punho cerrado representa a sabedoria do imbecil, que pensa que detém o mundo nas malhas da sua rede. E refere depois que, quando a mão inicia o movimento de se abrir, é como as pétalas de uma flor que se abre à vida. E acrescenta: é assim que floresce a inteligência. E, quando a mão se abre completamente, é a mão do sábio, que não retém nada, mas conhece o valor do encontro e do dom. E, cruzando agora as duas mãos abertas, ficamos com a imagem do «pássaro, livre, que voa»¹⁰.

Processo inverso ao da filosofia, desde Zenão a Platão, Descartes, Fichte e Nietzsche, que apresentam o conhecimento como a captura ou compreensão que o sujeito faz do objecto. A verdade (*a-lêtheia*) é assim o desvelamento ou desocultação a que o sujeito submete o objecto, para dele se apoderar, representando-o e reproduzindo-o na mente, «adequação entre a coisa e a mente» (*adequatio rei et intellectus*), como referem Aristóteles e Tomás de Aquino. Heidegger considera que esta concepção de verdade é a matriz da violência do ocidente, e diz as coisas de outra maneira: não é o sujeito que captura e deso-

⁹ U. BECKER, *Duro, obcecado (sklêrós)*, in L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD (eds.), *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, II, Salamana, Sígueme, 1980, p. 54-56.

¹⁰ M.-A. OUAKNIN, *Les dix commandements*, Paris, Seuil, 1999, p. 250-251.

culta o objecto, mas é o objecto que sai do seu esconderijo e se oferece ao homem como dom. Por isso, a função do sujeito já não é capturar e dominar com o que há de «prender» no compreender¹¹, mas acolher com espanto e reconhecimento. A Bíblia e a teologia estão claramente do lado de Heidegger. Mas vão muito mais longe: não se trata de objectos que se entregam ao homem; trata-se de um TU, o TU de Deus, que por amor vem até ao homem e a ele se entrega por amor¹², debruçando-se sobre ele e abaixando-se até ao ponto de lhe lavar os pés e a alma¹³, de cuidar dele, de o alimentar, de lhe afagar o rosto, de o ensinar a andar:

«11,³⁴Fui EU que ensinei a andar Efraim,/ que os ergui nos meus braços,/ mas não conheceram que era EU que cuidava deles!/ ⁴Com vínculos humanos (*'adam*) EU os atraía./ Com laços de amor,/ EU era para eles como os que erguem (*m'érîmîm*: part. de *rîm*) uma criancinha de peito (*'ûl*) contra a sua face (*lebêhem*: de *lehî*),/ e me debruçava (*natah*) sobre ela para a alimentar» (Os 11,3-4).

Mãos abertas para RECEBER. Para ACOLHER. Para ACARICIAR. Para DAR. Para REPARTIR, CONDIVIDIR.

Ainda passamos muito tempo no mercado. Podemos ficar viciados em comprar e viver cada um para si. Sem receber, sem acolher, sem acariciar, sem dar, sem partilhar. Vejamos, no Evangelho, no chamado episódio da «multiplicação» dos pães, o modelo e o contramodelo:

«6,³⁴(...) JESUS viu uma grande multidão e SENTIU MISERICÓRDIA (*es-plagchmîstê*) deles, porque eram como ovelhas sem pastor (cf. Is 53,6).

E COMEÇOU A ENSINAR-lhes muitas coisas. ³⁵E tendo a hora adiantado muito, aproximaram-se d'ELE os discípulos d'ELE e diziam: “O lugar é deserto e a hora adiantada. ³⁶MANDA-OS EMBORA, para que, partindo para os campos e aldeias à volta, COMPREM de comer PARA SI MESMOS” (*beautoîs*). ³⁷Então ELE, respondendo, disse-lhes: “DAI-lhes vós de comer”. Dizem-LHE: “Partindo, COMPRAREMOS duzentos denários de PÃES (*ártous*) para lhes dar de comer?” ³⁸ELE diz-lhes. “Quantos

¹¹ Expressão usada por E. LEVINAS, *Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo*, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 53.

¹² C. DI SANTE, *Parole di luce. Segnavia dello Spirito*, Villa Verucchio, Pazzini, 2005, p. 119-126.

¹³ H. URS VON BALTHASAR, *L'amour seul est digne de foi*, Aubier, Montaigne, 1966, p. 130-131.

PÃES tendes? Ide ver”. E tendo sabido, dizem: “Cinco, e dois peixes”. ³⁹E ordenou-lhes que fizessem reclinar a todos, em grupos, sobre a erva verde. ⁴⁰E sentaram-se em grupos de cem e de cinquenta. ⁴¹E RECEBENDO (*labôn*) os cinco PÃES e os dois peixes, LEVANTOU OS OLHOS para o céu, BENDISSE (*eulógêsen*) e PARTIU (*katéklasen*) os PÃES e DAVA (*edidou*) aos discípulos d’ELE para que os pusessem diante deles, e os dois peixes repartiu para todos. ⁴²E todos comeram e foram cheios, ⁴³e recolheram doze cestos cheios de PEDAÇOS de PÃO e dos peixes. ⁴⁴Os que tinham comido os PÃES eram cinco mil homens (*ándres*)» (Mc 6,34-44).

Salta à vista o modo não-acolhedor, frio, mercantilista, consumista, egoísta e egocêntrico destes discípulos de Jesus, que propõem a Jesus que mande as pessoas embora, para que cada um compre de comer para si mesmo (Mc 6,36). O perigo espreita sempre que alguém passa a viver, a comprar, a acumular para si mesmo (*beautô*) (Ez 34,2; Lc 12,21; Rm 14,7; 2 Cor 5,15)¹⁴:

«34,²Filho do Homem, profetiza contra os pastores de Israel. Profetiza e diz-lhes: “Contra os pastores, assim diz o Senhor YHWH: Ai (*hôy*) dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos (*ro’im ’ôtam* TM; *poiménes heautoús* LXX)”» (Ez 34,2; cf. 34,8.10).

«12,²¹Assim acontece àquele que entesoura (*ho têsaurízôn*) para si mesmo (*beautô*), e não é rico para Deus» (Lc 12,21).

«14⁷Nenhum de nós para si mesmo (*beautô*) vive e nenhum para si mesmo (*beautô*) morre; ⁸se vivemos, é para o Senhor (*tô Kyriô*) que vivemos; se morremos, para o Senhor (*tô Kyriô*) morremos» (Rm 14,7).

«5,¹⁵E por todos (Cristo) morreu, para que os vivos não vivam para si mesmos (*heautoús*), mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou» (2 Cor 5,15).

Da casa de Jesus não nos podemos ir embora. Do caminho de Jesus não podemos sair, dado que, diz Jesus:

¹⁴ A. SERRA, *La fuga e il ritorno del figlio prodigo (Lc 15,11-32). Parabola del peccato e della conversione d’Israele?*, in R. FABRIS (ed.), *La Parola di Dio cresceva (At 12,24). Scritti in onore di Carlo Maria Martini nel sua 70° compleanno*, Bolonha, EDB, 1998, p. 238.

«11,²³Quem não junta (*synágô*) COMIGO, disperde (*skorpízô*) (Lc 11,23).

O contraponto de Jesus é exemplar: não mandar embora,/ não comprar cada um para si,// mas acolher,/ dar,/ dividir.

Bem vistas as coisas, não se trata mesmo de uma «multiplicação» dos pães. Trata-se de uma «divisão» dos pães. A lição de Jesus não é aumentar a produção (lógica mercantilista). A lição de Jesus é CONDIVIDIR, REPARTIR¹⁵. Mas tudo começa, note-se, naquele «SENTIU MISERICÓRDIA», sentimento maternal de uma mãe que vela carinhosamente pela vida dos seus filhos.

Na verdade, aquele «SENTIU MISERICÓRDIA» (*esplagchnístê*) é uma voz nova, livre e soberana que provém das vísceras (*rachamîm*) ou do útero (*rechem*) materno, e que me faz ver a vida de cada ser humano como mais importante do que a minha própria vida, como é para uma mãe sempre mais importante a vida do bebé que traz nas entranhas do que a sua própria vida¹⁶.

No comportamento MISERICORDIOSO de Jesus transparece um nova familiaridade, que assenta a sua fundação muito para além dos meros laços biológicos da família. Prestemos atenção ao luminoso dizer de Jesus no caixilho literário de Marcos:

«3,³¹E vem a mãe dele e os irmãos dele, e, ficando fora, enviaram quem o chamasse. ³²E estava sentada à volta dele a multidão, quando lhe dizem: “Eis que a tua mãe e os teus irmãos e as tuas irmãs estão lá fora e procuram-te”. ³³E respondendo-lhes, diz: “Quem é a minha mãe e os meus irmãos?” ³⁴E tendo olhado à volta, para os que estavam sentados em círculo ao seu redor, diz: “Eis a minha mãe e os meus irmãos. ³⁵Na verdade, **AQUELE QUE FAZ A VONTADE (*tò thélêma*) DE DEUS, este é meu irmão e irmã e mãe”» (Mc 3,31-35).**

Ensinar espantoso de Jesus que põe em causa a validade de uma maternidade/fraternidade meramente biológica, fundada sobre os direitos do sangue («a tua mãe e os teus irmãos e as tuas irmãs... procuram-te»), para afirmar

¹⁵ Ver a inteligente reflexão de C. DI SANTE, *L'Eucaristia terra di benedizione. Saggio di antropologia biblica*, Bologna, EDB, 1987; C. DI SANTE, *Eucaristia. L'amore estremo*, Villa Verucchio, Pazzini, 2005, p. 110-112; C. DI SANTE, *Risponsabilità. L'io-per-l'altro*, Roma – Fossano, Lavoro – Esperienze, 1996, p. 154-157; G. PERINI, *Le domande di Gesù nel Vangelo di Marco. Approccio pragmatico: ricorrenze, uso e funzioni*, Roma – Milão, Pontificio Seminario Lombardo – Glossa, 1998, p. 75.

¹⁶ E. LEVINAS, *Dal sacro al santo. Cinque nuove letture talmudiche*, Roma, Città Nuova, 1985, p. 139-140; C. DI SANTE, *Parole di luce*, p. 107-110.

uma nova familiaridade aberta pelo horizonte novo do *éschaton*: «aquele que faz a vontade de Deus, este é meu irmão e irmã e mãe». No novo horizonte da vontade do Pai, não se deixa de ser mãe, irmão ou irmã; mas não são esses laços familiares que nos dão direito a amar e a ser amados, mas o termos sido encontrados pelo Amor, que somos agora chamados a testemunhar. Sentir cada criança como filho, cada mulher como mãe e todo o semelhante como irmão ou irmã não é simples retórica, mas a transcrição verbal do novo real compreensível à luz do projecto criador Primeiro e Último, em que o mundo aparece como um única casa e os seus habitantes como uma só família¹⁷.

5. A fraternidade

A Revolução francesa (1789) deixou gravadas na carta da história da humanidade três palavras: liberdade, igualdade, fraternidade. Convenhamos em que, no que respeita à liberdade e à igualdade, alguma coisa se tem feito e há até a registar progressos assinaláveis, como são o aparecimento de várias democracias e a carta dos direitos humanos. Mas, no que diz respeito à fraternidade, parece que está ainda tudo por fazer.

E a razão é simples. Pela liberdade e pela igualdade, nós podemos lutar. Mas a fraternidade não se conquista. Recebe-se! De facto, o título de «irmão» não se conquista. Não há currículo nenhum a fazer para se conseguir o título de «irmão». «Irmão» nasce-se. O lugar que, de forma mais imediata, nos mostra a fraternidade, é a família. E é verdade que, no seio da família, os filhos são diferentes em muitos aspectos: na ordem do nascimento, da saúde, do temperamento, da inteligência, do sucesso... Mas também é verdade que, não obstante as suas acentuadas diferenças, são iguais. E são iguais, porque são irmãos. E são irmãos, não em função daquilo que são ou daquilo que têm ou daquilo que fazem, mas em função daquilo que lhes é dado e feito. Em função de um amor que os precede, o amor dos seus pais. É esse amor primeiro que os faz irmãos, logo livres e iguais. A fraternidade é o *mais* da liberdade e da igualdade, porque só ela faz dos não-livres livres e dos desiguais iguais. A fraternidade é o lugar em que cada um vale, não por aquilo que é, nem por aquilo que tem nem por

¹⁷ C. DI SANTE, *Eucaristia terra di benedizione*, p. 177-178.

aquilo que faz, mas por aquilo que lhe é feito¹⁸, antes e independentemente daquilo que deseja, pensa, projecta e realiza, e em que o seu ser é ser numa relação de amor incondicionada, que não é posta por ele, mas em que ele é posto¹⁹. Um erro grave preside à modernidade, ainda que já venha dos clássicos gregos. Quando Descartes formulou aquele famoso: «Penso, logo existo», ele pensava que se punha no ser pelo seu pensamento. Estava enganado. Foi a sua mãe que o pôs no ser. Descartes esqueceu a sua mãe²⁰.

Não podemos esquecer a nossa mãe e o nosso pai. Mas nós atrevemo-nos a dizer que somos «irmãos» ainda de outra maneira. Porque somos filhos de Deus.

E então já não é só o amor dos nossos pais que nos faz irmãos. É também o amor de Deus, amor eterno, primeiro e derradeiro, verdadeiro, que nos faz irmãos. Assim, o amor que está em nós, ou em que estamos nós, o amor entre marido e esposa, entre pais e filhos, entre amigos, entre nós, não provém de uns nem de outros. Nem sequer de si mesmo. O amor é dado. O amor designa a origem. O que é a origem? A origem é o que está antes do começo, a quem a Bíblia chama Deus. Acertadamente afirma S. João, na sua Primeira Carta: «Quem ama nasceu de Deus» (1 Jo 4,7). E é ainda verdade que não saberíamos amar verdadeiramente, se não tivéssemos sido primeiro amados. Outra vez S. João, na sua Primeira Carta: «Nós amamos, porque Deus nos amou primeiro» (1 Jo 4,19). O nosso amor é sempre resposta a um amor que nos precede. Se assim não fosse, teríamos de ler tudo o que fazemos pela óptica do moralismo²¹.

Neste sentido, não é o casal que faz o amor; é o amor que faz o casal. Do mesmo modo que não é o casal que faz os filhos; é o amor que os faz. Atravessamos um calafrio quando nos apercebemos que a humanidade transmite, de idade em idade, de pais para filhos, algo de eterno. Amor eterno, tão terrivelmente ameaçado de idade em idade²².

¹⁸ Na Bíblia, o mundo do ter não se contrapõe ao do ser, contraposição tornada célebre por Erich Fromm (*Avere o essere*, Milão, Mondadori, 1977), mas à falta de sentido. Em termos etimológicos, o «bem-estar» não tem a ver com a abundância do ter, mas do ser, que assenta na experiência do mundo compreendido e vivido como habitado objectivamente pelo sentido. C. DI SANTE, *Parola e terra. Per una teologia dell'ebraismo*, Génova, Marietti, 1990, p. 37.

¹⁹ C. DI SANTE, *La parola che parla. Chiavi di lettura per la Bibbia*, Villa Verucchio, Pazzini Stampatore, 2004, p. 34.45-48.

²⁰ A. CAVARERO, *Politica e violenza. La radice greca*, in *Quaderni di S. Apollinare* (Série «Scuola della Pace»), n.º 7, p. 23 (este caderno, gentilmente cedido pela autora, diz respeito a um seminário que ocorreu no Centro Sant'Apollinare, nos dias 25-26 de Novembro de 1995).

²¹ A. CHIEREGATTI, *Dono e perdono nell'esperienza biblica*, in G. GASPARINI (ed.), *Il dono. Tra etica e scienze sociali*, Roma – Fossano, Lavoro – Esperienze, 1999, p. 164.

²² P. BEAUCHAMP, *Conférences. Une exégèse biblique*, Paris, Facultés Jésuites de Paris, 2004, p. 100-101.

O amor não é meu nem é teu. Também não é nosso. É-nos dado. Recebemo-lo. Acreditámos nele, isto é, sabemos que ele é o fundamento da nossa vida (1 Jo 4,16)²³. Hans Urs Von Balthasar diz bem, neste sentido, que «Só o amor é digno de fé»²⁴. Portanto, «De GRAÇA recebestes, de GRAÇA dai».

²³ Outra vez S. João, na sua Primeira Carta: «Nós soubemos (*egnôkamen*) e acreditámos (*pepisteúkamen*) no amor que tem Deus por nós» (1 Jo 4,16). Note-se os verbos no perfeito grego, que significam: nós soubemos e continuamos a saber e nós acreditámos e continuamos a acreditar.

²⁴ H. URS VON BALTHASAR, *Glaubhaft ist nur Liebe*, Einsiedeln, Johannes Verlag, 1963.